2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 33. QUINTA FEIRA, 23 DE MAIO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

FABRICAS.

Explicações.

508 Não nos enganámos.

A Camara dos Srs. Deputados reprovou quasi unanimamente a proposta do Sr. Affonseca, para que a commissão do inquerito começasse os seus trabalhos pela revisão geral da pauta.

Este facto foi consequencia da prudente rejeição da urgencia dessa proposta. Consideramol-o como uma garantia para os interesses industriaes, como uma restricção imposta á indefinida e vaga missão do inquerito proposto.

A votação, encarada por este lado, deve concorrer para tranquilisar, por algum modo, o receio que se tem manifestado na classe fabril.

Houve quem não interpretasse bem o nosso artigo anterior. Por este motivo escreveremos algumas breves explicações.

O artigo tinha por fim:

Manifestar que a crise industrial não havia cessado:

Provar que a proposta para a commissão de inquerito não estava legalmente definida, e que o inquerito nos parecia simplesmente commercial:

Fazer conhecer que a nova proposta do Sr. Affonseca era intempestiva e inconveniente.

Quanto á commissão de inquerito, só davamos noticia da sua nomeação, e mencionavamos os nomes dos deputados que a compunham.

Se não queimámos incenso ante esses nomes, tambem lhes não dirigimos nem a mais leve ou remota censura.

O louvor antecipado seria lisonja safada, que sempre agrada como nova, mas da qual não sabemos o uso; a censura seria uma grave injustiça, porque nenhum acto a poderia auctorisar.

Eis aqui porque fomos tão limitados nas nossas palavras.

Só as poderiamos ampliar com a nossa opinião sobre os precedentes que nos constaram pelos discursos proferidos por alguns dos membros da commissão, desde que no parlamento se ouviram as, já hoje, tão sabidas palavras do Sr. Affonseca. Se a exigem, essa analyse apparecerá em tempo opportuno e logar conveniente: e só então poderemos pesar bem as garantias, que as palavras e o procedimento de alguns nobres deputados offerecem ao trabalho nacional.

Escrevemos tão pouco sobre a commissão, ou antes apenas a consideramos como noticia, e apesar disso, fizeram-nos graves accusações. O *ouvi dizer* é a maior fatalidade que existe nesta nossa terra.

Todos tinham ouvido dizer que a — REVISTA UNIVERSAL dizia que a *commissão se inspirava de Manchester e Liverpool*, — e ninguem o tinha lido, ninguem o podia ler, porque tal se não escreveu, não se pensou, nem se podia pensar. Mas *como se disse* — basta. Ante esta plena prova da mais seria accusação, até os amigos são injustos para com o caracter do seu amigo, encolhem os hombros, dizem que não leram, e se chegam a ler é para, com avidez, descobrirem um sophisma que torne verdadeira a accusação, em logar de buscarem um documento para a justa e precisa defesa.

Deve não ser de homem o coração, a que não chegam taes offensas e tão injustos conceitos.

Recebemos com magoa a nova do acontecido, e mormente porque tal procedimento nunca fôra o nosso, e porque havia bem poucos dias, e até horas, que acaloradamente tinhamos justificado as intenções, e até o silencio de alguns dos que tão injustamente nos tractaram.

Saibam que é o pezar e não o justo desforço que nos guia a penna.

Deixariamos na ignorancia do silencio estes tristes factos, se não tivessem passado da sala de uma commissão e dos corredores da camara, para o publico logar da tribuna.

A mão de um amigo nos conduziu até esse elevado ponto, e nos expoz á camara como accusadores da commissão. Não lhe levamos a mal este seu procedimento, porque o attribuimos ao seu brio que se julgou offendido pelo fatal *ouvi dizer*. Fazemos justiça ao illustre deputado: — depois de ler o nosso artigo, será o primeiro que julgue infundadas as intenções que se nos attribuiram; mas lamentamos o desgraçado uso de responder na tribuna ao jornalista —

quando esse não é o seu fôro, quando lhe não é dado defender-se no logar, em que se lhe faz a accusação.

O Sr. Rebello da Silva, disse, como consta do extracto da sessão da Camara dos Srs. Deputados do dia 18, publicado no Diario do Governo n.° 117.

«... que só se havia referido á phrase de um jornal litterario, no qual se achava a nomeação da Commissão de inquerito, se trasladavam os nomes dos eleitos, e se faziam referencias a certas miras em Manchester e Liverpool. Que as repellira pela sua parte, e que as não attribuira a ninguem.»

Lamentamos novamente o facto de assim nos citarem em logar onde a nossa voz se não podía ouvir; mas acceitamol-o como formula definida e julgada do celebre, *ouvi dizer*, *ou ouvi lêr*.

Já que nos fizeram subir tão alto, tenham a bondade de descer até ao direito commum que nos ha de julgar.

Deixem a tribuna que é privilegiada para as discussões da palavra, dispam as galas da sua nobre posição, e cheguem-se até perto da banca do obscuro jornalista para lhe ouvirem lêr o que não leram: depois accusem-no, julguem-no, e entreguem-no ás suas justiças.

Escrevemos:

«As nossas rasões não foram ouvidas.

«Está nomeada uma Commissão especial da Camara dos Srs. Deputados, para estudar os nossos interesses industriaes.

«Fazemos justiça á Camara, e estamos persuadidos de que as mais puras e patrioticas intenções inspiraram essa nomeação. Só a regeição da proposta acabava com a crise que nós julgamos declarada pela duvida, que affectou o animo dos fabricantes nacionaes. O facto dispensa a discussão, inutilisa qualquer meio de o impugnar.

«Acceitamol-o para o respeitar, mas para lhe combatermos as consequencias. Estamos álerta na posição mais avançada, e avistamos sem custo o forte do inimigo, acampado nas gigantescas fabricas de Manchester e de Liverpool.»

Não vos deixaremos retirar depois da leitura, nem vos daremos a mão de amigo leal, sem que a nossa consciencia fique bem limpa de escrupulos.

Ouvi:

Dissemos que as nossas rasões não tinham sido ouvidas, e cinco linhas depois podeis vêr, que essas rasões se referiam á regeição da proposta para se nomear a commissão, e que a approvação dessa proposta, e não a nomeação da commissão, é que constitue o facto, — que nos *dispensa a discussão*, *e que nos inutilisa o meio de o impugnar*, *porque o acceitamos para o respeitar*, *mas para lhe combater as consequencias* — isto é as pertenções, que depois dessa votação se haviam de manifestar, não só da parte dos inimigos naturaes e commerciaes da nossa industria fabril, mas tambem da parte dos que sustentam principios contrarios aos nossos.

Para este combate — que nada tem com a commissão — estamos álerta, e estaremos sempre, na posição mais avançada, e avistamos sem susto o forte do inimigo, acampado nas fabricas de Manchester. A historia da nossa industria fabril prova, desde a sua origem, que o seu inimigo commercial sempre ahi teve o seu acampamento. Portanto aqui não ha miras que tenham de se repellir, ha factos que se não ignoram, que se não podem negar, e que não offendem nem os proprios inglezes — que são inimigos vendendo e não combatendo.

Eis-aqui o que estava em a nossa consciencia, quando escreviamos o artigo, o que está ainda hoje e o que estará sempre, seja qual for a injustiça com que se julgue a nossa franqueza e lealdade

Somos nullos politica e officialmente, mas desde que somos jornalista ainda não deixámos manchar as insignias deste sacerdocio da civilisação.

Sem a penna todos são mais do que nós, mas no exercicio da missão da imprensa, não recuamos ante nenhuma consideração, quando a justiça e a verdade nos chamam para a discussão dos interesses economicos da nossa terra.

Com erro ou com acerto, defendemos principios, mas não discutimos nem curamos de intenções. Temos direito a que as nossas se respeitem em tudo e em toda a parte. Quando não tivermos coragem para sustentar este principio, largaremos a penna de jornalista que só póde ser nobilitada pela lealdade do caracter e pela independencia do procedimento. Se contra o nosso constante costume de tres annos, hoje fallamos de nós, foi por não deshonrar pelo silencio essa penna que é o sceptro de um poder que só deve ser respeitado, quando não foge das explicações que a probidade exíge, e que o conceito publico deve julgar.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SEDA.

509 M. Lalanne, cultivador em Argel, enviou á prefeitura, uma amostra da primeira colheita de seda, que obteve, pela primeira vez, naquelle paiz. Os casulos são magnificos, e a seda da melhor qualidade. M. Lalanne diz que de ora ávante a industria da seda vae ser cultivada em grande escala naquella provincia, aonde se julgava que o bicho da seda não medraria.

CHRONICA FABRIL.

510 Emquanto a industria fabril se julgar em crise nos seus avultados interesses, que já significam o sustento e o futuro de muitas mil familias, é do nosso dever pelo muito empenho com que sempre temos defendido o trabalho nacional, e a benefica influencia do desenvolvimento das fabricas em a nossa agricultura, o informar regularmente os nossos leitores do que se passa em referencia a tão grave assumpto.

É este o dever que hoje começamos a cumprir com a publicação da chronica fabril, a qual se publicará sempre que nos não falte materia; e vamos seguir o mesmo systema pelo que diz respeito á agricultura.

Appareceu um campeão na imprensa, contra os nossos principios, é o Sr. Luiz de Almeida e Albuquerque, profesor de economia politica na Eschóla Polytechnica. Alçou o estandarte em o n.° 20 do *Atheneu*. Em o n.° seguinte responderemos ao seu artigo e ás suas doutrinas.

Pelo *Diario do Governo* n.º 117 consta que o Sr. Affonseca não acceitára o encargo de fazer parte da commissão de inquerito. Na sessão do dia 18 em que foi dada esta escusa, se fez á camara a participação de que a commissão de inquerito, reunindo-se, nomeou para seu presidente o Sr. Agostinho Albano, relator o Sr. Lopes Branco, e secretario o Sr. Fontes de Mello e Rebello da Silva. A commissão pediu que lhe fossem reunidos para a auxiliar os Srs. B. M. de Oliveira Borges, Honorato Ferreira e Costa Lobo. A camara approvou esta requisição.

A interpellação do Sr. Affonsca foi muito mal recebida pelos jornaes do Porto. O veterano da imprensa, o *Periodico dos Pobres*, seria e jocosamente, a impugnou. O *Ecco Popular* de 11 escreve o seguinte, ao dar-lhe publicidade:

« Retirámos hoje o nosso artigo principal para darmos logar á seguinte interpellação que na sessão de 26 do passado fizera o deputado Affonseca, a respeito do commercio dos vinhos do Douro e das fabricas nacionaes.

« Não lhe fazemos commentarios nenhuns para lhe não tirarmos a sua força. Apresentamol-a nua e descarnada para que o publico nos não taxe de imparcialidade.

« Só notaremos que o Sr. Affonseca quando disse que «isto de fabricas era uma historia» deu um testemunho irrefragavel de quanto prèsa as coisas da sua terra. »

A *Patria* do mesmo dia, escreve:

« O Sr. Affonseca, fazendo uma interpellação na camara dos deputados, na sessão de 27 do mez passado, disse, entre outras coisas, *que isto de fabricas em Portugal era uma historia, e que aquillo, que se diz nellas feito, ou é contrabando ou não tem geito, havendo mais valor em dous navios carregados de vinho do Douro, do que nas fabricas portuguezas todas juntas.*

« Estas proposições tão ousadas, como offensivas dos interesses nacionaes, e economicos, tão contrarias á verdade dos factos, como ao sentimento geral dos homens de todos os partidos, foram ouvidas com escandalo e desapprovação tanto na camara como fóra della.

« O Sr. Affonseca houve-se, nesta parte, como se tivesse estudado, n'uma das praças commerciaes de Inglaterra, o estado da nossa industria fabril, os seus melhoramentos, e progressos, e os avaliasse tão sómente pelo que lá se diz, ou convém que se diga; por que d'outro modo não seria, como foi, tão injusto. »

A representação da Sociedade Promotora da Industria nacional foi mui bem recebido no Porto. Folgamos em que este poderoso districto industrial faça tão completa justiça as intenções desta sociedade. O seu Conselho Director não desampara este grave assumpto, e para elle o Porto é um dos pontos do reino que mais cuidados lhe suscitam, se a alteração das pautas trouxesse qualquer transtorno aos principios fundamentaes da protecção que está fundada desde 1837. Trabalhem os fabricantes do Porto de accordo, com a Sociedade, e os seus interesses serão, quanto a nós, salvos de qualquer transtorno.

A representação em que fallamos e que publicámos em o n.º 31 da REVISTA, foi reproduzida com muita honra pelos differentes jornaes do Porto.

O *Jornal do Povo* de 16 a precedeu de um artigo importante, do qual tomamos a liberdade de reproduzir os seguintes trechos:

« É inquestionavel que a nossa industria, com quanto ainda nascente, vai fazendo progressos extraordinarios, e logo que se conservem os direitos protectores, segundo a sciencia economica o aconselha, teremos de ver de dia para dia fazer grandes melhoramentos nas diversas manufacturas e productos da industria.

« Para se alcançar este bem, este beneficio, de um interesse incalculavel para o paiz, faz-se preciso que jámais se attente contra o systema protector, conservando-se as pautas na sua conveniente cifra em quanto aos direitos que devem pagar os objectos, que de fóra do paiz podem vir competir e arruinar a industria nacional.

« Essa opinião avançada pelo Sr. Affonseca de que «isto de fabricas em Portugal é uma historia» não merece senão compaixão, pois que ahi estão os factos para desmentir um tão grande disparate.

« A classe fabricante não póde ser indifferente ao que da tribuna dissera o nobre deputado, porque se persuadira de que do arbitrio formado pelo sr. deputado se constituia um pensamento reservado de se attentar contra a nossa industria.

« Soceguem pois os fabricantes, que a opinião do Sr. Affonseca não significa senão a sua opinião, infundada e insustentavel; e jámais poderá tomar corpo, pois que todos hoje reconhecem que a industria tem feito progressos á sombra dos direitos protectores. »

O *Estandarte* de 18 escreveu o seguinte ácerca do ultimo requerimento do Sr. Affonseca:

« O requerimento do Sr. Affonseca para que a commissão de inquerito, ultimamente eleita pela camara dos deputados, principiasse as seus trabalhos pela revisão da pauta das alfandegas, foi rejeitado. Não podia deixar de acontecer assim, e as rasões que seu author produsiu para o sustentar, foram as mais valentes, e as que mais deviam concorrer para a rejeição. »

O mesmo jornal terminòu no seu n.º 692 de 15 a publicação de um importante Mappa dos generos e mercadorias de producção e Industria Nacional, exportados pela barra de Lisboa, para paizes estrangeiros no anno civil de 1849.

O *Patriota* de 18 e de 19 julgou opportuno publicar um parte do nosso pamphleto economico — As Fabricas Nacionaes São Uma Historia!

O *Nacional do Porto* do dia 17 contém o mui importante artigo que se segue e o qual prova as suas optimas intenções ácerca da nossa Industria.

« Não podemos ainda hoje cumprir a promessa que fizemos, de apresentar um mappa completo das fabricas do districto do Porto, para rebatermos as falsas asserções do snr. Affonseca, deputado pela Madeira; mas tambem o não suppomos, para esse fim, necessario, porque acreditamos que o snr. deputado estará já bem envergonhado do absurdo que se atreveu a avançar, e não tardará a pedir misericordia! »

« Mas, em quanto não damos cumprimento á nossa palavra, não será fóra de proposito appresentarmos o mappa que um nosso amigo confeccionou no anno de 1848, e que suppomos exacto. Ei-lo.

CONCELHO DO PORTO.	N.º de fabricas.	Homens.	Mulheres.	Rapazes.	Total.
Fabricas de tecidos de seda	18	226	272	80	573
Ditas de algodão	54	890	2034	375	3299
Ditas de seda e algodão	8	115	148	38	301
Ditas de algodão e linho	1	8	5	2	15
Ditas de fitas	1	2	2	1	5
Ditas de galão de palheta	1	6	7	3	16
Ditas de lã	3	22	22	3	47
Ditas de estamparia	1	21	»	27	48
Ditas de oleados	1	2	»	»	2
Ditas de sola	3	66	»	4	70
Ditas de fundição	4	140	»	53	193
Ditas de chumbo	2	8	»	1	9
Ditas de loiça	2	25	»	16	41
Ditas de vellas de cebo	11	34	2	16	52
CONCELHO DE BOUÇAS.					
Ditas de tecidos de algodão	4	57	37	36	130
GONDOMAR.					
Fabrica de cortume de sola	1	38	»	1	39
PAÇOS DE FERREIRA.					
Dita de tecidos de linho e algodão	1	7	2	2	11
SANTO THIRSO.					
Theares de algodão e seda	9	19	»	»	19
Ditos de lã e seda	3	3	»	»	3
Ditos de lã e algodão	19	15	3	»	19
S. THOMÉ DE NEGRELLOS.					
Fabrica de fiação de algodão	1	58	54	35	147
VILLA DO CONDE.					
Fabrica de cal	4	16	6	»	22
GAYA.					
Fabricas de loiça de faiança	3	73	11	31	115
Ditas de pó de pedra	2	29	»	8	37
Ditas de papel	1	8	20	»	28
Ditas de queijo e manteiga	1	1	1	»	2
Ditas de rolhas	2	5	5	»	10

Total das fabricas 160, e empregam 1895 homens, 2626 mulhes e 732 rapazes.

« Devemos, porém, advertir que algumas das fabricas tem, desde aquella épocha para cá, tomado um desenvolvimento consideravel. A fabrica de fiação de S. Thomé de Negrellos, que, como nossos leitores sabem, é situada nas margens do rio Vizella, occupa hoje cerca de 300 pessoas; as machinas desta fabrica são movidas por agua: este bello estabelecimento pertence a uma sociedade.

« A fabrica de fundição de Hargreaves, Kophe & Comp.ª occupa hoje dobrados ou mais dos braços que occupava em 1848; além do melhoramento que tem operado nas machinas a vapôr, que emprega.

« A excellente fabrica dos snrs. Drmazio & Comp.ª, do Bolhão, que emprega numerosos braços, e aonde

se fabricam objectos que nada tem que invejar aos estrangeiros, não existia então.

« A fabrica de oleados do snr. Pascoal, na rua das Fontainhas, tem tomado tal incremento, tem aperfeiçoado de tal maneira o fabrico dos oleados que desafia os melhores que nos podem vir de Inglaterra.

« Finalmente a industria fabril tem em todos os ramos feito passos tão agigantados no districto do Porto, que nos faz nutrir lisongeiras esperanças pelo seu futuro. »

Os fabricantes de Lisboa dirigiram a seguinte demonstração publica aos Srs. Deputados que fallaram nas ultimas sessões a favor da Industria do paiz :

« Os fabricantes dos principaes estabelecimentos desta Cidade, nas differentes classes de industria, anhelando por se mostrarem reconhecidos aos Srs. Deputados, que, na occasião de se levar de rojo o credito dos seus estabelecimentos com a affronta de que — *tudo quanto sahe das fabricas portuguezas que tem geito á contrabando* — procuram este meio de publicidade para um indelevel testimunho do apreço, e alta valia em que teem os mesmos Senhores, que com tão sincero o patriotico affan defenderam o bom conceito de uma classe, que a travez de tantas fadigas tem tido a ventura de poder, com as mais vehementes provas, e factos positivos, mostrar a todas as nações, e aos defensores do genio estranho, que os portuguezes tambem trilham o caminho da civilisação, e se alimentam do mais fecundo viver dos povos industriosos. Bem hajam aquelles que tão brilhante, e judiciosamente pugnaram no centro da representação nacional pela germinação, e credito da industria do paiz, e por assim dizer vingaram os signatarios de uma affronta que, supposto não tivesse fins damnosos, feriu profundamente uma classe util e productiva. Se para roborar suas asserções fôr mister as provas sensiveis e visuaes, os estabelecimentos dos signatarios estão patentes a todas as pessoas que ainda duvidem de que os artefactos e manufacturas dos estabelecimentos nacionaes são o resultado do genio, talento, trabalho, e patriotismo dos fabricantes e operarios, cujo suor por vezes se tem limpado para não manchar os seus productos. Penetrado do maior reconhecimento os signatarios dirigem votos pela prosperidade dos Srs. Deputados, que defenderam a honra do paiz, a boa fé dos estabelecimentos fabris, e a protecção de que os mesmos carecem.

« Lisboa, em 11 de Maio de 1850.

« Pela Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, com fabricas em Alcantra, Santo Amaro, e no sitio do Olho de Boi, ao sul do Téjo, os Directores, José Ennes = Antonio José Pereira Guimarães = Pela Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Linho, com fabrica em Torres Novas, os Directores, Cypriano José de Abreu = F. M. Barbosa = Filippe José da Luz, com fabrica de estamparia em Rio de Moura = Pinto & Companhia, com fabrica de estamparia em Alcantara = Rodrigues Barros & Companhia, com fabrica de estamparia em Alcantara = José Antonio Machado, com fabrica de fiação e tecidos na travessa da Nazareth n.° 10 = Augusto Frederico Etur, com fabrica de estamparia em Sacavem = Francisco Gomes de Araujo & Companhia, com fabrica de fiação e tecidos na travessa de S. Francisco Xavier = Antonio Polycarpo, com fabrica de cutelaria na travessa de S. Nicoláo n.os 43 a 46 = José Antonio de Campos, com fabricas de tecidos de seda nas Amoreiras, rua de S. Bento, e calçada de Santa Anna = Antonio Claudino de Sá Lima, com fabrica de tecidos na rua do Almarge = Manoel Francisco Monteiro, com fabrica de galões e fitas na rua das Fabricas da Seda n.° 13 = Joaquim Ferreira, com fabrica de galões e fitas na rua das Fabricas das Sedas n.° 10 = Francisco Pons, com fabrica de meias de seda na rua das Fabricas n.° 7 = Antonio José Valentim, com casa de trabalho de tecidos de seda na Praça das Amoreiras n.° 21 = João José da Matta, com fabrica de pellucia na Praça das Amoreiras n.° 20 = José Maria Barruncho Baúto, com fabrica de tecidos de seda na Praça das Amoreiras n.° 15 e 16 = Simão José de Sousa, com casa de trabalho de tecidos de seda na Praça das Amoreiras n.° 19 = José Bernardino da Rosa, com fabrica de tintutaria de seda na rua do Arco n.° 4 = João Evangelista Rodrigues Nobre, com fabrica de tecidos de seda na rua das Fabricas da Seda n.° 8 = Joaquim José Bittencourt, com fabrica de seda na travessa das Bruchas n.° A, ás Amoreiras = W. J K. Blanco, e João G. Roldan, com fabrica de estamparia na Arrentella = Francisco Antonio Ramires, com fabrica de tecidos de seda, tanto em liso, como lavrado, situadas as suas fabricas a S. Vicente de Fóra, e ás Amoreiras = Pedro Antonio Gomes Corrêa, com fabrica de lanificios na Villa da Covilhã = Collares & irmão, com loja de latoeiro de folha branca = Pela fabrica Vulcano, no Boqueirão do Duro, A. Lemoine = Pela fabrica Phenix de Lisboa, na rua Nova do Caes do Tojo n.° 24, Henry Peters = Manoel Joaquim Affonso, com fabrica de vidros na rua das Gaivotas, e Marinha Grande = Ignacio M. Hirsch, pela fabrica de acido sulphurico e soda na Verdelha = Ignacio M. Hirsch, pela fabrica de stearina = Ignacio M. Hirsch, pela fabrica de garrafas pretas no Bom Successo = Ignacio M. Hirsch, pela fabrica de chapéos na rua da Quintinha = Pela fabrica de porcelana de Vista Alegre, Duarte Ferreira Pinto Basto = Pela fabrica de refinação de assucar na Junqueira, Duarte Ferreira Pinto Basto = Domingos da Cunha Fialho, com fabrica de cortumes em Alcantara = Como Director da fabrica da louça da Companhia Constancia, Custodio José Ferreira Braga = José Pedro Collares & Filhos, com fabrica de machinas de destillação, de hydraulica, de vapôr, e outras no Largo do Conde Barão = Pela fabrica de estamparia nos Olivaes, Salazar, Leal & Companhia = Pela Companhia nacional de fiação e tecidos do Campo Pequeno, o Director, Manoel José Henriques Campos = Pela nova empreza fabril que foi de Azeitão, o Director Geral, Manoel José Cordeiro Gallão. »

Consta-nos que alguns inglezes, em Lisboa, promovem uma representação ácerca da Pauta. Rogamos que haja a maior circunspecção no acto de assignar qualquer documento, que se apresente aos fabricantes ou negociantes portuguezes. Por em quanto, ainda ignoramos o assumpto da representação que noticiamos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INSTRUCÇÕES QUE SE DEVEM OBSERVAR NA COMPRA DE UM CAVALLO JUMENTO OU MUAR.

(Continuado de pag. 370.)

511 *Cruz*, *agulha ou cernelha*, assim se chama aquella elevação onde termina o pescoço e começa o dorso, e que tem por base as apophyses espinhosas das primeiras vertebras dorsaes.

Se a cernelha fôr muito carnosa, massuda, pouco elevada e que não se destaque visivelmente das partes que a cercam, com muita difficuldade poderá o cavalleiro impedir a si mesmo de vir juntamente com a sella, com o sellim ou com a albarda, fugindo de sobre o dorso, onde sómente devem assentar, collocar-se junto della; ora, quando isto succede, e se repete um grande numero de vezes, além de não ser então possivel ao animal mover desembaraçadamente os seus membros anteriores, não só por esta circumstancia, mas por outras muitas, cujo conhecimento não interessa de um modo immediato ao comprador, a *agulha* vindo a ferir-se pelas amiudadas contusões e pisaduras, que recebe da parte daquelles arreios, constitue-se o logar, mormente quando se despresam taes ferimentos, de uma lesão assás grave, como é o chamado *mal* de *cernelha*, o qual requer muito tempo para se debellar.

Quando apparece esta enfermidade e não se cura radicalmente, a *cernelha* torna-se frouxa e pouco firme, por isso o comprador deverá abanal-a sempre que lhe notar alguma callosidade, a fim de por este modo melhor se assegurar da sua solidez e fixação

Um unico golpe despedido com violencia sobre a *cruz* póde dár origem a este mal.

A pouca altura da *cernelha* ainda traz comsigo outro inconveniente, que vem a ser a escoriação da base da cauda produzida pela fricção que contra ella exerce o *rabicho*, quando este pelo affastamento dos citados arreios da sua respectiva posição é puxado para diante.

Esta apparencia pronunciada, que tanto convém que tenha a *cernelha* no cavallo, seria para o mulo, e sobre tudo para o asno, onde naturalmente ella é muito baixa, um grande obstaculo ás andaduras pouco vivas destes animaes.

O espaço que fica entre a *cernelha* e os *lombos*, ou o logar onde devem descançar a sella, o sellim e a albarda chama-se *dorso*.

As assentaduras ou contusões feitas por aquelles arnezes sobre esta região são a causa dos callos vulgo *unhas*, e das exosteses *tumores osseos*, os quaes chegam ás vezes a adquirir um volume tamanho, que se oppõem ao livre ajustamento da sella, &.ª

Ambos estes defeitos, quando não peccam por exaggerados, em nada prejudicam a saude do animal; a unica desvantagem que teem é a de influirem negativamente no seu preço ou ou valor convencional.

A muita largura do dorso é uma das suas melhores condições.

Os *rins* ou *lombos* é a região que isola o dorso da garupa.

Quando a columna lombar se considera debaixo do ponto de vista de potencia unitiva e regularadora dos movimentos e como agente que essencialmente transmitte estes de traz para diante, em todas as andaduras de progressão, é de todas as partes do tronco a mais importante, e a que mais deve prender a attenção do comprador.

O seu pouco comprimento e a sua muita largura serão sempre uma belleza, e tambem o signal mais infallivel de sua grande energia; e todas as vezes que a esta excellente conformação corresponder um dado gráo de flexibilidade, ella terá todas as condições precisas para bem desempenhar as suas funcções.

Ainda mais, quando com esta optima disposição dos rins coincidir a sanidade dos membros, a regularidade e alinhamento de seus aprumos, a rapidez dos movimentos póde-se ficar certo de que o animal, que em si reunir este conjuncto tão favoravel de circumstancias, dará em todos os casos as mais seguras e evidentes garantias, não só da sua bondade, mas tambem de uma prestante aptidão para exercer com grande proveito de seu dono qualquer genero de trabalho.

Facilmente se ajuisa da muita ou pouca flexibilidade da região lombar: basta comprimil-a ou beliscal-a, com força, com os dedos index e pollegar para logo se sentir o animal; á pressão da nossa mão devem abaixar-se immediatamente os lombos, se não se operar este movimento é symptoma de insensibilidade local ou de lesão grave (*) e se abaixando-se o fizerem desmarcadamente, é o indicio mais positivo da fraqueza dos membros posteriores.

O cavallo que tiver os rins muito compridos, muito estreito e muito flexiveis será sempre debil, pouco proprio para uma vida activa e laboriosa e de prematura e facil ruina.

O pouco cuidado que ha de deixar que os arreios se appliquem muitas vezes sobre os lombos, faz com que estes sejam o logar de chagas, de focos purulentos, de que sobre serem de uma custosa cicatrisação, depreciam quasi sempre o valor do animal pela nociva influencia que exercem no mecanismo dos movimentos.

Porém de todos os achaques que podem sobrevir a esta parte, o mais temivel, o que mais deve receiar-se é o denominado — *exforço ou relaxação dos rins* (extensão forçada e mais ou menos violenta de todos os laços que unem entre si as vertebras lombares) para o qual não ha cura provavel e em que a inutilisação do animal é forçosamente irremediavel.

Quando examinarmos os *membros* e o cavallo em *movimento*, então faremos menção dos caracteres distinctivos deste terrivel mal, que sempre subsistem, e que nol-o dão a conhecer, apesar de apparentemente se nos affigurar que esse se ha de todo extinguido.

O *peitoral* ou a face anterior do peito.

A melhor qualidade que esta parte póde ter é a de ser bastante larga, o que sempre annuncia grande amplitude do peito, e conseguintemente a muita facilidade que os pulmões teem em exercitar os seus actos.

Nunca a existencia de algum dos defeitos de menor ponderação, em que temos fallado, poderá ser motivo bastante para não se fazer effectiva a compra de um cavallo que juncte á grandesa do peitoral a circums-

(*) A experiencia tem demonstrado que sempre que um estado morbido qualquer ha profundamente alterado a saude do cavallo, este se torna insensivel a toda a compressão feita sobre os rins, e que, quando a estes volta de novo a sua sensibilidade, o restabelecimento da saude está eminente.

tancia de ser sãos os orgãos respiratorios, val bem a pena de sacrificar á bondade do peito a imperfeição de alguma outra parte do corpo.

Um dos varios meios de que os veterinarios se servem para conhecer do bom ou máu estado do pulmão, consistem em apertarem, com força, a garganta ao animal a fim de o obrigar a tossir.

Se a tosse provocada por este modo é sonora, forte, expedita e não abala o corpo todo, e se ainda depois o cavallo começa a resfolgar, elles concluem que aquelle estado é lisongeiro e na maioria dos casos raras vezes se illudem.

Recommendamos ao comprador o emprego deste meio com o qual sempre nos havemos dado muito bem.

Os cavallos estreitos de peitoral ou de pás, *spaduas* seccas, são improprios para os trabalhos que demandam muito folego: em geral são fracos, valetudinarios; n'elles as doenças do peito são frequentes; sobre tudo as do pulmão, que então encontra no diminuto alargamento que offerece aquella cavidade uma immensa resistencia ao seu movimento de dilatação.

Os mesmos inconvenientes tem o peitoral que se diz — *sumido*, defeito que umas vezes procede da alta proeminencia da ponta das spaduas, outras do pequeno volume dos musculos peitoraes, que são os que formam as chamadas *maçãas* do peito.

Deve ser inherente á capacidade proporcionada do peito a sua symetria; se elle for mais pequeno ou achatado, provará isso que o animal em quanto novo padeceu muito, e que persistiu longo tempo deitado sobre este lado; tambem o pulmão do lado menos espaçoso, raras vezes está illeso; outras vezes o maior volume ou abobadamento de um dos lados do peito é a consequencia de uma hydropisia parcial.

Como os ferradores usam muito sangrar e abrir sedenhos no peito, quer o animal esteja ou não enfermo, quer o caracter da molestia seja benigno ou maligno, quer o orgão ou orgãos affectados estejam muito ou pouco desviados do peito, etc. etc., por isso não nos atrevemos a aconselhar ao comprador que sempre que no peitoral existam traços de sangrias ou de sedenhos elle engeite o cavallo, porque póde bem ser que as doenças reaes ou imaginarias, que reclamaram da parte daquelles empiricos um similhante tratamento, tenham sido assás leves e de nenhuma consequencia séria.

O comprador fará em taes casos o que melhor entender.

É necessario que os arnezes que costumam cingir o peito, tanto aos animaes de sella, como aos de tiro, sejam bem feitos, bem adaptados ás fórmas, e que não exerçam sobre o peitoral uma fricção reiterada e forte, aliás, mais tarde ou mais cedo, apparecerá sobre esta região um tumor duro e indolente a que vulgarmente dão o nome de *lobão*, que é tanto mais para temer quanto elle põe o animal fóra de serviço durante bastante tempo.

No mulo e jumento a pouca extensão do peitoral não se reputa defeito.

Abdomen, *ventre* ou *barriga*, parte inferior do tronco posta entre a passagem da silha e as coxas.

O volume desta região não deve ser nem nimiamente excessivo, nem tambem muito acanhado: deve, sim, ter uma amplidão tal que não transtorne a mutua relação que naturalmente guardam entre si todas as partes do corpo.

O animal que tem o ventre descahido ou de *vacca*, como geralmente se diz, além de ser muito pesado, e de andaduras morosas, é tambem com frequencia sujeito aos achaques das visceras thoracicas, não só porque com a demasiada largura do abdomen coexiste de ordinario a estreiteza do peito, mas porque carregando aquelle sobre este com todo o seu peso, opprime e difficulta os movimentos da respiração, e daqui nasce uma das causas da pulmoeira, do esfalfamento, etc.

O cavallo que tiver o ventre muito desenvolvido indicará sempre alguma destas tres coisas, ou que é infatigavel comedor, ou que digere mal os alimentos, ou que tem sido sustentado com substancias pouco nutrientes, como são as palhas e os fenos ruins, substancias, que só administradas em grande quantidade, pódem fornecer os principios necessarios á recomposição do organismo.

O desenvolvimento anormal do ventre só deve ser considerado defeito nos cavallos que tiverem para mais de cinco annos, porque nos que contarem de um, até quatro, nesses não o póde ser, visto que ha toda a probabilidade de vir a diminuir á custa do crescimento e completa formação de outras partes do corpo.

O defeito opposto a este é o que se designa ventre de *galgo*.

Naquelles poucos de nossos cavallos, que são muito velozes na carreira, e que tem organisação, até certo ponto, analoga á dos cavallos inglezes, nesses a retracção do ventre longe de ser um defeito é uma bella qualidade que assás favorece a ligeireza de seus movimentos; porém, quando o seu desmesurado estreitamento se appresenta em animaes que não estão naquellas condições, então além de ser defeito, e defeito muitissimo desagradavel á vista, é de mais a mais a expressão certa de um estado morbido habitual do tubo digestivo, circumstancia esta que só de per si basta para fazer regeitar qualquer cavallo.

JOSÉ MARIA TEIXEIRA.
Lente Substituto da Eschola Veterinaria.

(Continúa.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XIII.

Otello.

(Continuado de pag. 361.)

512 . . . . . .

. . . . . .

Conheces o M***, aquelle talento vulcanico, aquella imaginação exaltada, que ás vezes se arremeça d'um vôo ás regiões mais elevadas do pensamento, e se compraz em maravilhar, aos que

o ouvem, pelos prodigios de uma eloquencia poetica e ardente?

Estava ao pé de mim. Reparou por acaso na direcção do meu olhar, bateu-me no hombro, e disse-me a rir: «Toma sentido que aquella flôr aristocratica, está votada a outro amor... e ao casamento.»

— E que tenho com isso? — respondi eu com um ar admiravel de fingida indifferença.

— Creio bem que não pensas em desfazer uma união, que começa a lavrar-se já em letras de oiro no *Tombo dos Costados Portuguezes*. Não tens cara de aspirar ao setimo sacramento.

— E porque não? — perguntei então com um amargo sorriso.

— Qual é o poeta — exclamou M*** com aquella mistura de sensibilidade ironica, e de cynismo affectado que o tornam delicioso de espirito — que ao vêr uma opera destas pensa um momento em manietar o talento ao jugo matrimonial? Não acredites, os que te dizem que o ciume é uma paixão morta depois de Otello. Se vires tua mulher, voando n'uma walsa doidejante nos braços do primeiro tolo que a tire para par, se a vires sorrindo á primeira semsaboria do elegante mais ridiculo, se olhares, os seus olhos dirigidos para um grupo qualquer, sentirás o sangue correr-te em ondas apressadas pelas veias, e em vez de castigares em dois ou tres parvos, as legitimas susceptibilidades do teu amor proprio, havias de beber alguns copos de ponche, e ir fumar para um gabinete, para não pareceres *assombrado*.

— Tens rasão: o que dizes, é a imagem do casamento na vida civilisada!..

— Pois então, poeta, se queres que a tua lyra entoe ainda saudosos cantos, se dezejas entregar os sonhos da tua alma a esse tigre sedento de sangue e de lagrimas, que se chama gloria, faz como eu, abençoa *in mente* os maridos e os noivos, e não cubices a mulher do teu proximo.

— E se eu amasse com todas as forças da alma aquella mulher que alli vês, se me fosse impossivel viver sem ella, se eu tivesse a convicção de haver morrido para todas as emoções do sentimento, perdendo a esperança de lhe confiar os segredos da minha alma? — bradei eu allucinado pela dor.

— Tanto melhor, se pretendes conquistar os suffragios da posteridade! Já viste algum poeta no mundo, que vivesse na imaginação publica, por haver cumprido exemplarmente os preceitos da vida conjugal? A felicidade não tem historia, é um axioma terrivel, mas tão antigo como a creação.

Repete os versos do poeta:

O Muse! que m'importe ou la mort ou la vie?
J'aime, et je veux pâlir: j'aime, et je veux souffrir,
J'aime, et pour un baiser je donne mon génie!

— Se me acceitassem o genio, se me dessem o beijo! — repeti eu tristemente!.....

.....

Já lêste *Le Dernier jour d'un condamé*, de Victor Hugo? Lembras-te quando elle tem entre os joelhos a sua filha, quando a cobre de beijos, quando se despede d'ella com lagrimas saudosas? E depois interrogando-a, sobre se sabe já lêr, a vê soletrar n'um papel impresso, que é a copia da sentença que o condemna á morte?

As desditas do coração soffrem o mesmo destino. A palavra mais indifferente, o gesto mais trivial apontam-n'os sempre a agonia que nos punge na alma. Aquella discussão começada, da parte delle, sem intenção seria, e acabando tam dolorosamente para mim, avivaram ainda mais a minha angustia. Encostei a cabeça a uma das mãos, e entreguei-me a uma dessas sombrias meditações, que realisão para o homem todas as previsões do inferno.

Quando tornei a mim, tinha caido o panno... levantei-me. E depois achei-me, sem saber como, impellido pelas ondas dos espectadores, n'uma das sahidas do theatro. Parei então. Queria vêl-a passar, embriagar-me ainda com o terrivel praser de comtemplar a sua bellesa, e de me enfeitiçar com os seus encantos.

Appareceu-me em fim, com aquelle andar languido, quebrado e voluptuoso. Elle levava-a pelo braço, e sorrião um para o outro, como se esquecessem todos os olhos que os fitavão, como se o seu mutuo amor os isolasse de todas essas alas de povo, que se abriam na sua passagem.

Ó civilisação bastarda, que redusiste o homem a ser uma maquina viva, que o obrigas a rir quando soffre, a fallar quando desfalece, a ser grave quando delira!

E lamentamos os comediantes, que forção ás vezes o coração, representando o que não sentem, rindo quando a alma se lhes affoga em pranto, mostrando-se pesarosos e tristes, quando lhes rebenta no peito o praser e a esperança!

E o que é o homem nesta sociedade, medida a

compasso, que formulou em receitas imperscriptiveis todos os actos da vida social, que proscreveu as demonstrações poderosas do sentimento, com as penas do ridiculo, que annullou a franqueza, comminando ao individuo as reprobações mais severas?

Contive-me eu, abalado por tudo quanto a imaginação inventou de mais pungente e afflictivo. Nos tempos feudaes, podia matar aquelle homem, n'um duello leal, e ter depois a lugubre consolação de a ver devorada de saudade infinita, com a côr perdida pelas noites veladas, com as rosas do rosto crestadas pelas lagrimas de uma angustia intensa, de tornal-a infeliz como eu, de podermos ao menos, commungar unidos, nessa religião austera da dôr.

Agora, nem lhe poderia dizer, offerecendo-lhe a rosa, que lhe caiu do ramalhete, e que foi a minha companheira durante as longas e terriveis amarguras do meu amor: —« conserva-a como um symbolo de affecto, e não me amaldições, se te amei, que ninguem póde triumphar do coração, e ser superior ás leis mysteriosas do destino! »

Não, não julgues que realiso o meu desejo. Eu sei que este seculo é sceptico, porque é insensivel: eu sei que esta sociedade duvida destes sentimentos immaculados de todo o calculo positivo, porque é infame; o seu culto pelas idéas grandes, e generosas, é todo retroactivo: admira a antiguidade, mas não a imita: enternece-se lendo as legendas poeticas da historia, ou os monumentos sublimes da arte, e chamaria louco ao que peusasse pela cabeça de Werther, ao que sentisse pelo coração de S. Preux, ao que vertesse as lagrimas que chorou Camões, ao que penasse nas maguas que devoraram o Tasso.

Incoherencia terrivel, e que denuncia só por si, uma transformação proxima, em que ninguem póde pensar sem tremer!

Pois ao lado de tantas pertenções pelo ideal, pelo infinito, uma tão completa subserviencia aos idolos baixos do materialismo, e da cubiça? Pois o homem, que acha pequeno o mundo para a sede devoradora dos seus desejos nunca saciados, estende pouco depois a mão ao ouro que o corrompe, á condecoração que o envilece, e vende-se ao poder, ou á riqueza, sem que as faces lhe corem de vergonha, applaudindo-se a si, e applaudido ás vezes, pelas manifestações da sua infamia? Pois essas mulheres, perderam a tal ponto, esses thesouros moraes de innocencia, e de sentimento, para se entregarem nos braços do primeiro homem, que lhes prometta uma existencia abastada, no seio dos prazeres frivolos de um mundo, que descrê de si mesmo?

Cégo impulso desta civilisação, que como aquelle cavallo embravecido, que n'um dos poemas de Byron, leva Mazepa atravez das solidões da Ukrania, parece que tudo caminha longe dos olhos da Providencia, e sugeito ao capricho phantastico do acaso!

Sonham-se amores sacrificados, e entregam-se os pensamentos da alma, e os encantos do corpo ao primeiro, que os compra sobre as aras sacrosantas do altar; tudo se reduz a um *deve e ha de haver;* e quando as turbas, devoradas de fome e de miseria, rugem desenfreadas, com o grito sinistro de «*pão ou balas!*» os poderosos invectivam — elles, os adoradores exclusivos do ouro! — esses grosseiros instinctos, que elevam o estomago até á altura d'uma idéa social.

Isto não póde, não deve ser assim. O futuro está prenhe de revelações inesperadas.

E eu senti rodar a carruagem que a levava, vi escurecer de repente os corredores, e não accordei se não quando se fez silencio em torno de mim. E depois?

Oh! perdoa! pedi a Deus um desses abalos sociaes, aonde um homem póde morrer com gloria, sem recorrer ao expediente vulgar do suicidio. É Deus, é o acaso que manda a morte, e o mundo nem ao menos póde calumniar o que deu a vida pela victoria d'um principio, e morreu martyr das convicções da sua intelligencia.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NÃO DIGO.

513

Donzella formosa, que pedes, que exiges
Que buscas saber?
Não peças, nem rogues; — um vago receio
Me diz que não diga as coisas que o seio
Não sabe dizer.

Perguntas-me a causa da negra amargura
Que o peito me opprime, nos labios transluz?
Responda-te o lyrio no calix pendente
Que mirra e definha sem agua e sem luz.

As dôres que occulto, que lês em meu rosto
Em meu coração,
Saber se tu queres: ao triste lamento
Dos mares pergunta; — ao gelido vento
Do negro tufão.

Á rola que expira saudosa de amores,
Á pomba que anhela até suffocar,
Pergunta se podem desejos immensos
Se podem saudades amargas matar.

Não peças, nem rogues: se tento do mundo
Dos homens fugir,
É que sinto dentro no peito fremente
Já proximo o termo da magua pungente
Em breve porvir.

E choras e pedes-me o nome que levo
Gravado no fundo de meu coração?
Respondam-te os echos saudosos dos montes
Que o dizem, repetem na ampla soidão.

Ai possa o teu anjo da guarda formoso,
Teu anjo d'amor,
O livro esconder-te dos vagos delirios,
A estrada cobrir-te de rosas e lyrios
Da vida no albor.

E possa o abysmo transpôr da existencia
Nas asas divinas do teu cherubim;
Librada entre nuvens, que o mundo te escondam
Em nuvens de flores, de aromas sem fim.

———

Donzella inclemente, que mais em minh'alma
Procuras saber,
Fitando-me os olhos? — Um vago receio
Me diz que não diga as coisas que o seio
Não póde dizer.

* * *

NOTICIAS E COMMERCIO.

SOCIEDADE CATHOLICA.

514 Por ordem do Em.mo e Rev.mo Sr. Vice-Presidente, e deliberação do Conselho Director, se annuncia aos Srs. Socios, que a funcção que havia ter logar no Domingo da Santissima Trindade, como estava annunciado, fica transferida, por mui ponderoso motivo, para outro dia, que será convenientemente annunciado.

Secretaria Geral da Sociedade Catholica, 17 de Maio de 1850.

O Secretario Geral.
A. O. Campos Silva.

NOTICIA BIOGRAPHICA DE M. EUGÉNIO SUE.

515 A eleição de 29 de Abril por mui considerável maioria deu novo realce ao nome, já tão popular, do auctor dos *Mysterios de Paris*, e de tantas obras litterarias, conhecidas em toda a Europa.

M. Eugenio Sue, tem 45 annos de edade ainda não cumpridos. Seu pae, cirurgião militar e professor de anatomia na eschóla de Bellas-Artes, destinou-o primeiramente ao magisterio, e por isso lhe deu o exercicio de preparador na respectiva aula. Porém, outras idéas indusiam o mancebo Sue; e preferiu á pacifica pratica da medicina os trabalhos mais penosos porém mais excitantes da vida de soldado. Sentou praça, e fez por espaço de tres annos dentro da França o serviço de guarnição. Nessa épocha occorreu a expedição á Hispanha que foi dirigida, como todos sabem, pelo Duque de Angouleme. Alli podia correr-se riscos e por consequencia adquirir gloria. M. Sue sollicitou entrar no exercito expedicionario, e foi addido á divisão do general Bourbon-Busset, acampada em Puerta-Real; teve portanto parte no combate do Trocadero que decidiu da entrega de Cadiz: passou depois ao 2.° regimento de artilheria, e assistiu ao cerco de Tarifa.

Finda a guerra de Hispanha e recolhido a França o exercito, M. Sue seguiu o seu corpo ao destinado aquartelamento: porém, a sua imaginação ardente o impellia ao movimento: não podia accommodar-se a repouso esteril. Comtudo, em parte alguma havia alimento para aquella necessidade de vida activa. Toda a Europa, cançada das luctas gigantes da republica e do imperio, esgotada de gente e dinheiro, havia tempo que estava na impossibilidade de encetar novas guerras; embora os genios meditadores descortinassem ao longe nuvens pejadas de novas tempestades politicas, era ainda mui recente o regresso dos Bourbons para que houvesse de esperar-se proximas alterações.

A necessidade de expansão que agitava o animo de M. Sue, não achou outro meio de satisfazer-se senão emprehendendo viagens e sobretudo viagens maritimas; procurava assim nas grandes scenas da natureza, nas vicissitudes da vida do mar, as commoções de que a sua indole fogosa carecia. — Alcançou entrar na marinha com uma patente superior á que tinha no exercito de terra. Embarcado a bordo da corveta *Rhône* fez o cruzeiro de 18 mezes nas Antilhas.

Então luctava a Grecia pela sua liberdade, e movia a seu favor todos os corações generosos, todas as almas de poeta; Byron, para defendel-a, recrutava uma valente cohorte e ia com ella morrer por causa tão sagrada. M. Eugenio Sue ouviu o éco do clamor dos hellenos que convidava todos os homens de coragem; passou para bordo da náu *Breslaw*, e assistiu á batalha de Navarino.

Sem duvida ganharia nesta carreira novas patentes e honrosas distincções; porém, seu pae enfermo o cha-

mou a França; e além disso depois da lucta solemne da Grecia, a Europa retrahia-se inevitavelmente ao seu pacifico repouso.

Aquella intelligencia tão activa, e á qual as viagens haviam prestado novo alimento, não podia adormentar-se de subito. M. Sue colligira nos seus embarques, observações desconhecidas e interessantes, curiosos estudos de costumes. Foi dos primeiros que crearam o genero dos romances maritimos: a *Salamandra*, *Plick e Plock*, a *Vigia de Koat-Ven* lhe obtiveram honroso logar na litteratura moderna.

Neste ponto começa outra e diversa phase da existencia de M. Eugenio Sue. Ao homem de acção succede o pensador, ao marinheiro aventuroso, ao militar ousado, o homem do gabinete e das meditações. Nunca similhante transição se effectua de repente; os primeiros actos da nova carreira hão de necessariamente resentir-se da influencia das occupações anteriores. Em suas primeiras obras, M. Sue é com especialidade militar e maritimo; descreve o mar domado pela sua crestada maruja; vive no meio das ondas. Não exijaes que então estude e comprehenda a nossa sociedade. Não vê a população do continente senão de longe, de travez do prisma das idéas, das preoccupações, e das doutrinas que reinam com maior frequencia nas embarcações de guerra e nas fileiras dos exercitos. — Mas a pouco e pouco se habitua ao nosso mundo, no qual se vai iniciando cada vez mais, penetrando-lhe os segredos, entendendo as diversas condições, as bases fundamentaes, as tradições historicas; e as suas opiniões primitivas desvanecem-se perante os progressos de sua rasão, e o desenvolvimento de seus estudos. Raros litteratos tem passado, no seu genero de talento, por uma transformação tanto ou mais completa como foi a de M. Sue. Na primeira parte da sua carreira litteraria apparece o official de marinha com todas as suas sympathias, todas as suas preoccupações, e sem a maduresa do exame; na segunda transluz o philantropo esclarecido pela investigação das coisas sociaes. *Mathilde* é o primeiro acto desta revolução no genio de M. Sue: a profunda e minuciosa analyse dos padecimentos da miseranda ciosa, vê-se que deriva de um espirito que já tem perscrutado nas menores particularidades os mysterios do coração humano.

Brevemente vem juntar-se áquelle estudo dos phenomenos psychologicos graves trabalhos historicos: *Jean Cavalier* é uma pintura terrivel e verdadeira do fanatismo religioso que o *Judeu Errante* mais tarde havia de revelar debaixo de outro aspecto.

Uma intelligencia tão paciente, tão conscienciosa, ao sondar os problemas sociaes, não podia deixar de attender ás miserias e ao estado de moralidade do povo; tal contemplação estabeleceu e arreigou as convicções de M. Sue, e desde essa occasião encetou elle a sua vida politica.

Quem ha ahi que não conheça os *Misterios de Paris*? É o quadro da moderna sociedade franceza com os seus vicios hediondos e as suas virtudes sublimes: todos reconheceram o exacto da pintura; todos applaudiram o escriptor animoso que teve a ousadia de arrancar a venda que tapava os olhos e de appresentar á civilisação moderna a sua mui fiel imagem dizendo-lhe: *Conhece-te, e moralisa-te.*

Cumpre notar que os jornaes que deram voga e elogiaram as obras mais applaudidas de M. Eugenio Sue, são os que combatem agora vehementemente as opiniões do auctor. O *Journal des Debats* publicou os *Mysterios de Paris*; e ao *Constitutionnel* é devida a publicação do *Judeu Errante* e das *Memorias de um engeitado*. Todavia é certo que o illustre escriptor tem permanecido a cuberto dos ataques injuriosos que as paixões politicas tanto a meudo suscitam; amigos e adversarios concordam em reconhecer seu caracter decoroso; tem vogado alguns motejos, mais ou menos desagradaveis, sobre o fausto do seu palacio des Bordes, porém nunca a respeito da sua honra pessoal.

M. Eugenio Sue tomou assento na assemblea franceza no dia 8 do corrente, como representante eleito pelo departamento do Sena.

TREMORES DE TERRA.

516 As mais recentes cartas da Sicilia referem, que em Messina no curto espaço de tres dias sentiram-se 40 abalos da terra. Do Levante ha noticias de eguaes repellões em Smyrna, durando um delles por alguns minutos.

ILHA DE S. MIGUEL.

517 Pela nossa correspondencia particular de Ponta Delgada, e por alguns semanaes daquella Ilha, temos as seguintes noticias ácerca da Instrucção e Saude Publicas.

Durante o inverno, febres bastante graves reinaram em alguns concelhos da Ilha desde Novembro até Fevereiro. Ao hospital da Misericordia de Ponta Delgada affluiu grande numero de doentes febrís; e entre os prezos da cadeia os casos de febres eram ao principio quasi diarios. O Sr. Dr. João Anselmo da Cruz Pimentel Choque, na qualidade de Delegado do Conselho de Saude, deu e requisitou um complexo de providencias de que se vê a resenha nos indicados semanaes: e mediante estas, a epidemia foi suffocada em seu progresso, e nenhum doente mais, accommettido de febre passou ao hospital. — Avultam entre aquellas providencias: o estabelecimento de uma enfermaria provisoria no mesmo local ou edificio da Comara; serem nella promptamente tratados prezos em que se observasse qualquer incommodo de saude, por leve que fosse; fornecer a Misericordia roupas aos prezos mais necessitados, e alimentação apropriada aos mais dispostos a contrahir a febre, &.ª

O serviço da enfermaria foi feito pelo mesmo Sr. Dr. Choque, e durante o seu impedimento, foi substituido com egual pontualidade e zelo pelo Sr. Dr. Adriano Antonio Rodrigues de Azevedo, Guarda-Mór da Saude.

Pelos mesmos periodicos da Ilha se vê que o publico se atterrou com o appareecimento das febres na cadeia, sita no meio da Cidade, e de muito insalubre construcção; e que as primeiras auctoridades administrativa e militar, a Camara Municipal, bem como a Misericordia, foram activissimas em prehencher todas as indicações feitas pela auctoridade de Saude. Nos quarteis grassaram as febres durante todo o tempo da epi-

demia: providencias foram tambem alli adoptadas; mas por menos completas não alcançaram que as febres fossem atalhadas, continuando sempre até o fim da epidemia a serem mandados soldados febris para o hospital.

Em principios de Abril tiveram logar os exames de concurso para o provimento da cadeira de francez e inglez do lyceu de Ponta Delgada. Foi uma excellente providencia, posta em practica pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, a de mandar proceder a taes exames perante os Governos Civis deste Archipelago, como sempre fôra praticado, e não, tão sómente perante os lyceus de Coimbra, Lisboa, Porto, e Evora, como determinava, com grave incommodo dos oppositores destas Ilhas, o Decreto de 20 de Setembro de 1844. O respeitavel Dr. Choque, Professor da aula publica de Mathematica, teve commissão do Exm° Governador Civil para presidir aos referidos exames; aonde foi um dos examinadores nomeados o reverendo João José do Amaral, um dos ecclesiasticos mais conspicuos e respeitaveis dessas Ilhas, por seu caracter e illustração, e que, exercendo ha mais de 30 annos o Magisterio Publico, está por isso mais proximo a ultimar-se o processo de sua jubilação.

Ao concurso veio um só candidato, o Sr. Luiz Filippe Leite: mas este provou pelo merito do seu exame, quão necessaria e util é a providencia de que acima fallámos: por quanto, encarregado ha annos do ensino das linguas latina, franceza e ingleza no collegio particular desta cidade, denominado *Lyceu Açoriano*, não poderia sem detrimento seu, e daquelle estabelecimento, abandonal-o, e ir ao continente examinar-se; e todavia deu neste exame provas de não communs habilitações, de instrucção e de qualidades intellectuaes, que bem justificam o honroso conceito de que gosa geralmente nesta Ilha: o seu amor pelas lettras, talento para a poesia, excellente conducta e moralidade, lhe tem grangeado a estimação publica, que raro se alcança em tão poucos annos de edade. Os exames são geralmente aqui pouco concorridos, mas neste, compareceram differentes pessoas, e entre ellas os Srs. Drs. Castilho e Guarda-Mór da Saude. Se ao Sr. Leite está destinada a palma do concurso, todos antevecem nelle um Professor digno de instituir a nova cadeira, e um mestre, credor da confiança das familias, por que, como é mister, terá, á imitação de outros, de conciliar com a regencia daquella cadeira, licções particulares.

A Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes, instituida pelo nosso insigne litterato o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, quotidianamente está apresentando os mais brilhantes resultados. Em sessão publica de 26 de Março distribuiu 12 premios aos melhores alumnos dos que frequentaram as aulas pela mesma Sociedade abertas nesta Cidade.

No mez de Abril, abrio na Villa da Lagôa uma aula pelo mesmo facillimo methodo de aprender primeiras lettras, a qual está sendo frequentada por cento e tantos alumnos, de todas as edades e estados. Eguaes eschólas estabeleceu nos logares da Maia, Candellaria, e Atalhada, concorridas, com o mesmo enthusiasmo, por pessoas adultas, e creanças. A Sociedade levada de reconhecimento pelo seu fundador, acaba de nomeal-o seu presidente perpetuo e honorario. Teve esta nomeação logar depois que o Sr. Dr. Castilho deixou a presidencia effectiva, em virtude dos seus preparativos de viagem para o Rio de Janeiro.

* *

PRAÇA DE LISBOA.

Em 22 de Maio.

518 Fundos publicos de 5 por cento, 46 e meio a 47. — Acções do Banco de Portugal, 400$000 rs. com o dividendo recebido. — Acções do fundo de amortisação, 38. — Desconto de Notas 360 a 380.

Cereaes em 22 de Maio.

Trigo do reino rijo . . .	de 300 a 400	réis	a bordo.
» » molle .	de 380 a 420	»	»
» da ilha.	de 300 a 330	»	»
Milho do reino.	de 210 a 220	»	»
» da ilha.	de 180 a 190	»	»
Cevada do reino.	de 170 a 180	»	»
» da ilha	de 160 a 170	»	»
Centeio do reino	de 190 a 200	»	»

Estado do mercado, em 22 de Maio.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Poucas vendas, e somente para o consumo.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$500 a 1$650 rs., dito velho 1$350 a 1$500 rs., — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$350 a 1$500 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 950 a 1$050 rs. — Este artigo acha-se pouco animado, limitando-se as vendas, em pequenas porções, simplesmente para o consumo do paiz. Por em quanto os preços conservam-se firmes.

Cacáu 1$650 a 1$700 rs. — É pouco procurado, tendo-se realisado pequenas vendas para o consumo.

Caffé do Rio. — Não ha.

Cêra de Angola B. 268 a 270 rs. — Dita A. 255 a 258 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Marfim de lei 1$100 a 1$250 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 6$500 a 6$600 rs. — Effectuaram-se algumas vendas.

EXPEDIENTE.

Foram-nos remettidos uns versos assignados por um *G.*, com uma carta do Sr. Lopes de Mendonça, os quaes se não publicam hoje por falta de espaço.

ERRATA.

No artigo 482 do numero 31 da REVISTA, pag. 370, 1.ª col., lin. 2.ª, onde diz — *esta posição* — leia-se — *a sua primitiva posição.* — Lin. 57, aonde diz — *mexer-se* — leia-se — *encher-se.* — 2.ª col., lin. 16, aonde diz — *sinuosidades* — leia-se — *nodosidades.*